

PREFÁCIO¹

O MALLEUS MALEFICARUM À LUZ DE UMA TEORIA SIMBÓLICA DA HISTÓRIA

Carlos Amadeu B. Byington²

O século vinte entra em sua última década perplexo diante do desmoronamento da ideologia materialista que o empolgou, guiou e revolucionou. A civilização industrial se dá conta, por seus próprios descaminhos, de uma grande falta de valores para orientar seu desenvolvimento. Das profundezas geladas desta desidealização, reativam-se os arquétipos expressos nos mitos portadores dos símbolos históricos que orientaram o desenvolvimento das culturas. A civilização industrial e as ciências modernas surgidas no renascimento Europeu, ao retornarem às suas raízes míticas, reencontram o Mito Cristão que lhes moldou os caminhos. Em sua bagagem, elas incluem dois séculos de psicologia para vivenciá-lo de forma diferente. Com menos fervor e fanatismo talvez, mas certamente com maior capacidade de separar a mensagem fecunda dos símbolos do Mito das suas deformações históricas.

A importância do papel civilizatório do Mito Cristão no terceiro milênio deverá incluir a continuação da elaboração dos seus símbolos que ainda não puderam ser devidamente integrados pela cultura. Nesse sentido, o estudo dos pontos históricos estratégicos de estrangulamento da mensagem do Mito formarão um capítulo importante da sua continuidade.

Na medida em que a mídia do processo civilizatório integrar os idiomas hispano-ibéricos no mundo moderno, a língua portuguesa adquirirá outra importância da que tem hoje. Dentro desta perspectiva, a Editora Rosa dos Tempos, justifica seu nome e o pioneirismo da personalidade das suas quatro fundadoras, ao traduzir para o português e inaugurar suas atividades com esta obra.

O Malleus Maleficarum é uma das páginas mais terríveis do Cristianismo. É difícil imaginar, que durante três séculos, ele foi a bíblia do inquisidor. Tentarei demonstrar que

¹ Prefácio do livro O Martelo das Feiticeiras (1484). Kramer, Heinrich e Sprenger, James. Tradução de Paulo Fróes, Editora Rosa dos Tempos, Record, Rio de Janeiro, 1991.

² Médico psiquiatra e analista junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador, historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana.
e-mail: c.byington@uol.com.br site: www.carlosbyington.com.br

não foi por acaso que ele foi escrito no esplendor do Renascimento e se transformou no apogeu ideológico e pragmático da Inquisição contra a bruxaria, atingindo intensamente as mulheres. Como o leitor poderá verificar sobejamente por conta própria, ele é uma manual de ódio, de tortura e de morte, no qual, o maior crime é o cometido pelo próprio legislador ao redigir a lei. Suas vítimas não nos deixaram testemunho. É a própria senha dos legisladores, cuja loucura os levou a expor orgulhosamente seus crimes para a posteridade, que nos faz imaginar o terrível sofrimento passado pelas milhares de pessoas, em sua maioria mulheres, muitas das quais históricas, que foram por eles torturadas e condenadas à prisão perpétua ou à morte.

O livro é diabólico na sua concepção e redação. Dividido em três partes, a primeira cuida de enaltecer o Demônio com poderes divinos extremos e ligar suas ações com a bruxaria. Isto é arditamente articulado com a ideologia repressiva da Inquisição, declarando-se herética qualquer descrença nesses postulados. Na segunda parte, ensina-se a reconhecer e a neutralizar a bruxaria nas vivências do dia a dia da população. Uma pessoa de conduta diferente, uma briga entre vizinhos, uma vaca que dá mais ou menos leite, uma criança que adocece, uma tempestade ou a diminuição da potência sexual, qualquer ocorrência pode ser atribuída à bruxaria. Trata-se de uma verdadeira religião do Diabo para explicar todos os males da vida individual e comunitária. É difícil imaginar, que qualquer bruxo ou bruxa, por maior formação em ciência jurídica que tivesse, conseguisse legislar sobre os poderes do demônio com tanta prodigalidade. Na terceira parte, descreve-se o julgamento e as sentenças. Aí compreende-se como o livro é arditoso. Em realidade, as duas primeiras partes são escolasticamente racionalizadas para justificar toda sorte de aberrações e crueldades mandadas executar na terceira parte, um verdadeiro escoadouro da patologia cultural acumulada no milênio da idade média.

Ainda que delirante, sádico e puritano, não está aí a essência da patologia do Malleus. Ela advém fundamentalmente do texto ter o objetivo de defender e de enaltecer Cristo, o que transforma, loucamente, num código penal redigido por criminosos eruditos, doutamente referenciados no que havia de melhor na teologia cristã. Abençoados e protegidos por bula papal, os inquisidores Sprenger e Kramer, que escreveram o Malleus, são um sintoma da Inquisição, o grande câncer, a deformação psicótica do Mito Cristão. Durante sua institucionalização, o Mito se subdividiu. Uma parte preservou a essência da mensagem Cristã e transformou a relação Eu/Outro do padrão patriarcal para um padrão de igualdade e interação criativa. Outra deformou o Mito através da Inquisição e criou uma enorme dissociação cultural expressa nas polaridades Cristo/Demônio e Santa

Madre Igreja/Bruxa. Uma história simbólica do Cristianismo nos mostra como a Demonologia e o ódio às mulheres cresceram às expensas da despontecialização do papel cultural revolucionário dos símbolos de Cristo e da Igreja.

Este poderosíssimo Mito de salvação pelo amor foi a principal matriz estruturante da chamada Civilização Ocidental, dentro da qual se desenvolveu a ciência moderna e se forjou a identidade das nações européias e americanas.

A essência do Mito está em dois mandamentos:

“Amarás, pois o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força... Amarás o próximo como a ti mesmo.” (MT 22:37-39).

“Eu não vos deixarei desamparados; Eu virei a vós. Dentro de pouco tempo, o mundo não me verá mais. Mas vós me vedes porque eu vivo, vós vivereis. Nesse dia, sabereis que eu sou no meu Pai, vós em mim e eu em vós. Aquele que tem meus mandamentos e os guarda, esse me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e me mostrarei a ele.”(João 14:18-21).

A tarefa deste prefácio é explicar como este mito de solidariedade humana pode ser tão deformado a ponto de produzir a Inquisição e o Malleus. Buscarei esta compreensão, em uma teoria simbólica da história e da cultura (Malleus Maleficarum, 1484). Parece-me que somente uma perspectiva simbólica do desenvolvimento normal e patológico da cultura pode tornar compreensível tamanha aberração.

Do ponto de vista da psicopatologia simbólica coletiva, o paralelo comumente feito entre a Inquisição e o Nazismo é importante para ilustrar o que é a psicose paranóide cultural. Afora a duração de uma, ser medida em algumas décadas e da outra, em muitos séculos, esta comparação necessita delimitar uma grande diferença, que é a patologia do caráter coletivo que acompanhou a Inquisição. Os nazistas assassinavam suas vítimas porque se julgavam puros e elas impuras. Ao aniquilá-las, buscavam formar uma nova humanidade racialmente aprimorada. Sua psicose expressava a projeção de sua Sombra (seus complexos inconscientes), mas não incluía, num mesmo grau de comprometimento, a patologia coletiva do caráter. Assim, não necessitaram distorcer o humanismo Ocidental para justificar seus crimes. Ao endeusar sua megalomania paranóide, repudiaram toda a fundamentação humanista da Cultura Ocidental. Daí sua identificação ideológica maciça com a psicose anticristã e anti-semita de Nietzsche.

A Inquisição também se julgava megalomaniacamente purificadora e projetava de forma paranóide sua própria Sombra (os complexos culturais inconscientes) nos hereges que torturava e matava. No entanto, não só não repudiava o humanismo cristão, como se

fundamentava teologicamente nele para perpetrar seus crimes. Ao torturar e matar, os Inquisidores diziam lutar contra o Demônio para salvar a alma de volta para Cristo. Tudo isto faziam como especialistas no estudo dos Evangelhos e no seu conteúdo humanista. Dessa maneira, junto com a projeção psicótica, a inquisição apresentava uma patologia coletiva do caráter (psicopática) através da qual distorcia o pensamento dos maiores santos e doutores da Igreja, como, por exemplo, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, para racionalizar sua própria conduta patológica, motivada inconscientemente pelas deformações psicológicas oriundas de séculos de repressão. É através do estudo da distorção progressiva dos símbolos do Mito Cristão, que podemos compreender essas deformações e avaliar devidamente o grau de comprometimento patológico cultural que expressaram.

Entendo por história simbólica, aquela que percebe os acontecimentos históricos como símbolos da transformação do Self Cultural. Jung concebeu o Self como a interação das forças conscientes e inconscientes na psique. Vejo também o Self ou Ser Cultural como a interação das forças conscientes e inconscientes nas instituições, nos costumes, nas leis, na imprensa, em tudo enfim. Cada parte, por menor que seja, é sempre a expressão desse todo. Podemos perceber os eventos históricos, expressando a vida e a transformação desse todo e, assim, conceber uma teoria simbólica da história (Byington, 1981). Como no Self Individual, a Sombra do Self Cultural é formada por símbolos e complexos (conjunto de símbolos) que não foram devidamente elaboradas e permaneceram inconscientes durante a história de cada indivíduo e de cada cultura.

Os arquétipos são as matrizes do funcionamento dos símbolos que expressam a normalidade e a patologia. Da mesma forma que cada mineral tem seu ângulo de cristalização, que lhe caracteriza, e os vegetais têm formas especiais de crescimento e reprodução, os animais têm padrões típicos de comportamento para cada espécie. A psique humana tem arquétipos que são matrizes que coordenam a maneira como ela forma suas imagens e organiza seu funcionamento. Os principais arquétipos organizam até mesmo a maneira como o Eu se relaciona com o Outro na consciência, ou seja, como a consciência lida com os símbolos (Byington, 1986). O Arquétipo do Herói, por exemplo, coordena uma série de símbolos de forma característica para expressar a realização de grandes feitos. A vida dos profetas, e dentre eles Jesus, expressou muitos feitos que são símbolos deste arquétipo. Isto é válido tanto para a psique individual, quanto para a psique grupal, como são em grau crescente a instituição, a cultura e um nível mais abrangente ainda, a psique planetária. Na história da personalidade e da cultura, certos padrões de funcionamento da consciência que são arquetípicos se tornam dominantes e

depois cedem sua dominância a outros. É o que veremos acontecer na história simbólica do Cristianismo.

Apesar de somente oficializada pelas bulas papais do século doze em diante, a Inquisição tem suas origens remotas na época em que se fez a redação final do Novo Testamento, marcada pela censura e reducionismo patriarcais. Os Evangelhos de Tomé, de Filipe e de Maria, desenterrados junto com outros escritos gnósticos no Egito em 1945, e que ficaram conhecidos como a Biblioteca de Nag Hamadi (The Nag Hamadi Library, 1978), atribuem um papel muito relevante às mulheres na mensagem de Cristo, especialmente Maria Madalena. Segundo os Evangelhos de Filipe e de Maria, ela seria uma apóstola iniciada por Jesus, sendo mesmo a sua preferida.

“Pedro respondeu (à Maria)...Ele falou particularmente assim à uma mulher e não abertamente a nós? Ele preferiu ela a nós?”

“Maria chorou e disse a Pedro: - Pedro, meu irmão, o que pensas? Acreditas por acaso que inventei estas histórias em meu coração e minto sobre o Salvador? Levi respondeu a Pedro: - Pedro você sempre foi impetuoso. Agora vejo você atacando a mulher como a um adversário. Mas se o Salvador a valorizou, quem é você para rejeitá-la? Certamente, o Salvador a conhece muito bem. Por isso é que ele a amou mais do que a nós”. (O Evangelho de Maria, Nag Hamadi, 1978)

Estes escritos descrevem, também, uma série de rituais dionisíacos, ligados à mulher, à natureza e ao corpo, inclusive à dança, que seriam praticados pelos apóstolos. Esta seria uma tendência dos seguidores de Cristo. Uma outra tendência, rival a esta e liderada por Pedro, reprimia a mulher no apostolado e tornou-se, com o tempo, a doutrina oficial da Igreja.

“Simão Pedro disse a eles: - Que Maria nos deixe porque as mulheres não são dignas do espírito”. (O Evangelho de Tomás, Nag Hamadi, 1978)

O desenvolvimento do Cristianismo se deu através do Império Romano, eminentemente patriarcal. A conversão do Império não se fez de baixo para cima, mas, de cima para baixo e, por isso, a estrutura patriarcal do Império pouco mudou com sua conversão. Ela continuou com uma grande base patriarcal, apesar de, daí por diante se denominar Cristão. Sua conversão real com a integração dos símbolos propostos no Mito Cristão continuou através dos séculos e, até hoje, está longe de se concluir. Isto não é surpreendente porque na raiz deste Mito está o Arquétipo da Alteridade e, como sabemos, um arquétipo, por mais que transforme a consciência, nunca a domina totalmente, pois sempre compete com muitos outros arquétipos, principalmente, com dois grandes arquétipos básicos da psique. (Byington, 1983).

Os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal são os dois arquétipos básicos da psique. Eles têm um poder psicológico tão grande que a dominância de um tende a desequilibrar o Self Individual ou Cultural às expensas das características do outro. O dinamismo matriarcal (Arquétipo Matriarcal) é regido pelo princípio do prazer, da sensualidade e da fertilidade. Por isso, nas culturas, ele é geralmente representado pelas deusas das forças da natureza. Por outro lado, o dinamismo patriarcal (Arquétipo Patriarcal) é regido pelo princípio da ordem, do dever e do desafio das tarefas. O poder, com o qual se impõe, divide a vida em polaridades altamente desiguais e exclusivamente opostas como bom ou mau, certo e errado, justo e injusto, forte e fraco, bonito e feio, sucesso e fracasso. Estas polaridades estão reunidas em sistemas lógicos e racionais. Seus deuses, deusas e ideais são conquistadores e legisladores. Foi este dinamismo que codificou os papéis sociais rígidos do homem e da mulher, atribuindo à ela uma condição inferior junto com a maioria das funções matriarcais. Este dinamismo é característico das guerras de conquista, das sociedades de classe com acentuada hierarquia social e rígida codificação ideológica da conduta.

Os Arquétipos da Alteridade que coordenam os símbolos do Mito Cristão são os Arquétipos da Anima na personalidade do homem e do Animus, na personalidade da mulher. Os Arquétipos da Alteridade propiciam a diferenciação e o encontro igualitário do Eu com o Outro dentro do todo, respeitando suas diferenças. Estes são os arquétipos do amor conjugal, da democracia e da ciência, pois neles, a relação Eu/Outro necessita de liberdade de expressão e de igualdade de direitos dentro da qual se vivenciam as diferenças.

O padrão de alteridade é o padrão arquetípico central do Mito Cristão no qual é expresso por uma mensagem de amor. Pelo fato de ser arquetípico, este padrão existe nas culturas expresso de forma variável e mais ou menos intensa, dependendo da época histórica que atravessam. Porque teria sido ele intensificado na época de Jesus a ponto de ter dominado de forma messiânica a sua pregação heróica? Ou seja, por que naquele momento da história da humanidade foi ele correlacionado com a salvação da espécie?

A corrente messiânica no misticismo Judaico foi sempre muito importante, geralmente orientada pelo nacionalismo cultural histórico patriarcal exuberantemente expresso por David e Salomão. Outras correntes místicas como aquelas centralizadas nos mistérios da Cabala cultivavam o feminino místico, interagindo igualmente com o masculino e eram, assim, regidos pelo padrão de alteridade. No Mito Cristão, este padrão surge como mensagem de salvação da alma a ser buscada individual e socialmente através do amor.

Reprimidos pelos exércitos romanos, os judeus se preparavam para uma grande sublevação da qual tinham pouca chance de sobrevivência. A vivência cultural de genocídio era, por isso, muito intensa.

Tanto a cultura Judaica quanto a Romana, apesar de possuírem, como as demais culturas, acentuados componentes matriarcais, de alteridade e cósmicos, estavam naquela situação histórica intensamente dominadas pelo dinamismo patriarcal, no qual a relação do Eu com o Outro é fortemente assimétrica. Ao nível do poder social, este é um dinamismo guerreiro e centralizador que leva forçosamente a uma relação de opressão, submissão e revolta que, neste caso, equivaleria a genocídio, uma vez que lutar contra Roma equivaleria ao massacre dos judeus, o que aconteceu efetivamente no ano 70 AC. Acredito ter sido este componente tão importante, que uma corrente da tradição messiânica Judaica encarnou naquele momento histórico uma proposta heróica de mudança de dominância de padrão arquetípico. Assim, paralelamente ao messianismo patriarcal guerreiro, surgiu nessa crise cultural, o messianismo de alteridade encarnado historicamente na vida e no corpo de Jesus. Esta mudança de padrão arquetípico no confronto entre nações, que aconteceu no Oriente Médio há quase dois milênios, possivelmente, devido a importância das civilizações Judaica e romana, foi um marco para todo o futuro da humanidade. De fato o que comprovamos de forma crescente atualmente, é que, cada vez se torna mais difícil o confronto das nações através do embate dominador/dominado característico do dinamismo patriarcal. Com o aumento do poderio tecnológico bélico, brevemente, ele se tornará impossível, sem que o conflito inclua o genocídio e comprometa a vida no planeta. O caminho da alteridade é cada dia mais o caminho da sobrevivência da espécie e daí, a meu ver, a fortíssima conotação messiânica e de transformação social do Mito Cristão. É importante perceber este alto conteúdo revolucionário da alteridade na vigência da dominância patriarcal, para compreendermos as defesas reacionárias patriarcais que se formaram junto com a implantação cultural do Mito, a principal das quais foi a obra terrível da Inquisição. Ela exemplifica uma característica básica da psique. Seja na dimensão individual ou coletiva, suas maiores deformações patológicas se originam no ferimento da própria força criativa e transformadora de seus grandes arquétipos.

Os arquétipos da alteridade se diferenciam dos arquétipos parentais, pela maneira como vivenciam os símbolos. Tornam-se libertadores por dois motivos. O primeiro é por necessitarem da liberdade para vivenciarem a plenitude do encontro do Eu com o Outro. O segundo é por resgatarem os símbolos da dominância matriarcal ou patriarcal que, em qualquer época ou circunstância, estejam reduzindo a vivência simbólica. São nestas

duas instâncias que os arquétipos da alteridade colidem com os padrões ou dinamismos parentais.

Devido à dominância do Arquétipo Patriarcal na cultura, foi com ele que os Arquétipos da Alteridade mais colidiram durante a institucionalização do Mito Cristão. O trabalho excepcional no Sabat, a proteção da prostituta apedrejada, a defesa dos fracos e oprimidos, o desapego à propriedade privada, o virar a outra face, a substituição do poder pelo amor na interação Eu/Outro, e principalmente o relacionamento da alteridade com a vida eterna, ilustrado pela ressurreição de Lázaro e do próprio Messias, foram características introduzidas pela mensagem cristã que colidiram frontalmente com o dinamismo patriarcal. Os milagres da multiplicação dos pães e dos peixes podem ser relacionadas com o resgate do dinamismo matriarcal oprimido. Os milagres da transformação da água em vinho nas bodas de Canaan e da ressurreição e o amar de Deus, ou seja, a totalidade, acima de tudo relacionadas com o amor ao próximo como a si mesmo são os símbolos que mais situam o padrão de relação Eu/Outro no dinamismo de alteridade propriamente. É que, este padrão não pode ser limitado à relação igualitária Eu/Outro simplesmente, mas necessita que esta relação se faça em função do todo.

A história simbólica do Cristianismo é, assim, demarcada pelo conflito entre a implantação do padrão de alteridade no Self Cultural e sua repatriarcalização reacionária oriunda das tradições culturais Judaicas e Romanas e da obra uniformizadora e repressiva da Inquisição.

Abordarei pela perspectiva simbólica alguns aspectos importantes para ilustrar a deformação histórica que sofreu o Mito durante sua institucionalização, delimitada, por um lado, pela abrangência institucional da Inquisição e, por outro, pelo crescimento do símbolo do demônio e da bruxaria como sua conseqüência mais direta e nefasta. Manifestamente, a Inquisição perseguia o Demônio e as bruxas. Na dinâmica simbólica do Mito, porém, ela os fortalecia, progressivamente, às expensas da mutilação crescente do herói messiânico de alteridade e da criatividade institucional da Igreja. Aparentemente, a Inquisição protegia Cristo e sua Igreja. Realmente, no entanto, ela os despotencializava como símbolos transformadores, pela patriarcalização reacionária. É este caminho simbólico que nos permitirá compreender as origens e as conseqüências das monstruosidades do Malleus, concebidas, aperfeiçoadas e praticadas em nome de Cristo e da Santa Madre Igreja.

A extraordinária dominância patriarcal do Império Romano contribuiu desde sua conversão para a patriarcalização reacionária do Mito. Nunca é pouco lembrarmos que os mesmos centuriões que conduziram os Cristãos para a arena, passaram a perseguir os

hereges. A própria visão lendária de Constantino, que teria se convertido ao Cristianismo ao ver a cruz de fogo no céu, ilustra a submissão da cruz à espada patriarcal dos exércitos romanos, deformando radicalmente a mensagem Cristã desde o primeiro momento da sua institucionalização. É importante, também, percebermos a repatriarcalização metodológica por Constantino no primeiro concílio da Igreja, o Concílio de Nicéia em 325 EC (Era Cristã). (Nova História da Igreja, 1973)

Discutiam-se as idéias de Arius, sobre a diferença de natureza do Filho e do Pai na Trindade. A intervenção de Constantino não foi a favor nem contra, mas no sentido de que qualquer conclusão a que chegassem os bispos, ele exigia que esta fosse uma só. A centralização e unificação ideológica, tão características do dinamismo patriarcal, fundamentaram a doutrina da Igreja e se tornaram o principal referencial no combate às heresias. Mas, qual a função simbólica das heresias no Self Cultural?

Contrariamente à centralização dogmática patriarcal, o padrão de alteridade se caracteriza pela interação democrática de correntes diversas para transformar os símbolos e construir a cultura. Haeresis, do Latim, significa escola de pensamento, religiosa ou filosófica. Para ser profundamente elaborado como requer um mito de tal envergadura, seriam necessárias muitas heresias, ou seja, muitas escolas de pensamento operando durante muitos séculos dentro das suas instituições. No entanto, a unificação ideológica patriarcal do Santo Ofício até hoje considera merecedora de repressão qualquer formulação herética sobre Cristo. É significativo que, já no século IV (375 EC), o herege espanhol Prisciliano foi condenado à morte pelo imperador Maximus. São Martinho, Santo Ambrosio e São Leo condenaram radicalmente o procedimento. São João Crisóstomo escreveu que *“condenar um herege à morte era introduzir na terra um crime inexprável”*. Contudo, o processo repressor estava em andamento junto com a repatriarcalização do Mito e foi se aperfeiçoando com os séculos. O Malleus é um dos seus frutos mais amadurecidos. Ao nos darmos conta que a repressão de início é contra atos e declarações e no decorrer dos séculos vai se dirigindo mais e mais contra estados de consciência, podemos perceber que a repatriarcalização ia se fazendo no Mito, junto com as suas conquistas de alteridade mais valorosas, como uma serpente que fabrica seu veneno com o sangue de sua presa. Assim, a descoberta da importância da imaginação na elaboração dos símbolos do Mito servia como motivo para codificá-la e cerceá-la.

Salta aos olhos do bom senso que o Malleus é um compêndio que só pode ter sido produzido por mentes gravemente enfermas. Trata-se, porém, de uma patologia cultural que seria mutilante reduzir à problemática individual. O conteúdo lógico do seu texto, cuja

psicopatologia oscila entre o dinamismo psicótico-paranóide-delirante e o dinamismo psicopático-perverso, apresenta uma forma de pensar, um verdadeiro fio de Ariadne guiado pelo raciocínio psicológico no labirinto da sua loucura. Para se compreender o enraizamento desta patologia no Self Cultural do Ocidente, é preciso compreender a relação do Mito Cristão e a história do Cristianismo com o desenvolvimento psicológico da personalidade e da cultura.

O Cristianismo é uma religião baseada na salvação pelo amor. Mas, na salvação de quê? Na salvação da alma afastada de Deus pelo pecado. Mas, o que é o pecado? É se estar afastado do amor de Deus em pensamento ou ação. Esse estar com Deus precisa, então, ser construído permanentemente. A própria inconsciência tem afinidade com o pecado, como ilustra o pecado original portado pelos recém-nascidos. A diferenciação permanente da consciência individual e coletiva é, pois inseparável da busca Cristã de salvação.

Essa proposta de busca de salvação lançou os cristãos num questionamento psicológico intenso para compreender, por um lado, o próprio Mito e inserir nele a vida e a paixão de Cristo e, por outro, o estado da alma de cada fiel, ou seja, sua avaliação psicológica em função do pecado, o que, em termos junguianos chamamos a relação do Ego com a Sombra.

O exame de consciência se tornou, assim, a prática central do Cristianismo. Seu auxílio e orientação por fiéis mais experimentados instituiu a prática da confissão. A alma preparada pela elaboração dos seus pecados é encaminhada para a comunhão com Cristo no ritual da Missa, no qual se opera o milagre da transformação do pão no corpo e do vinho no sangue do Salvador, como havia ele próprio instruído.

A criatividade deste processo exige uma dedicação enorme à reflexão psicológica e foi, por isso, que o fenômeno do monacato acompanhou a institucionalização do Mito. É na reflexão introvertida dos mosteiros que se formou e se avolumou durante séculos um enorme conhecimento psicológico como já nos ilustra a grandiosa figura de Santo Agostinho no século quinto. O Eu individual e a consciência coletiva adquiriram profunda experiência na elaboração de símbolos oriundos das vivências humanas as mais diversas. Durante o milênio que foi a Idade Média (400-1400 EC), o Mito exerceu seu processo civilizatório com um enorme crescimento e diferenciação da dimensão subjetiva. Só faz sentido denominar a Idade Média de "idade das trevas" se quisermos dizer que é na escuridão que se fabrica a luz. De fato, esta introversão monástica foi a raiz da exuberante explosão extrovertida do Renascimento que frutificou no humanismo moderno. Quando abrimos plenamente nossa visão para a dimensão simbólica do Mito e

sua influência na história, podemos relacionar tanto a Idade Média com o milênio da elaboração da morte sacrificial do Messias, quanto o Renascimento com a glória da Ressurreição.

Como explicar, porém, que é no ano de 1484, portanto no apogeu do Renascimento, que o Papa Inocêncio VIII dá plenos poderes, chamando-lhes meus queridos filhos, aos inquisidores dominicanos e professores de Teologia Kramer e Sprenger que escreveram o Malleus? É na luta entre as forças criativas do Arquétipo da Alteridade e as forças patriarcais reacionárias da Inquisição que encontramos a resposta, pois quanto mais crescia uma, mais a outra se intensificava, num confronto terrivelmente estressante e patologizador do Self Cultural.

O século treze é muito ilustrativo desse conflito de arquétipos, verdadeira luta de gigantes na alma coletiva europeia e dentro da própria Igreja. Ele é marcado pela erudição de São Tomás de Aquino e a síntese Aristotélico-Tomista que, ao reunir o imenso acervo de conhecimento psicológico acumulado pelo Cristianismo à filosofia essencialmente extrovertida de Aristóteles, preparava a Europa para o Renascimento, o berço fecundo das artes e ciências modernas. É no início desse século, em 1209 que se deu o famoso encontro na Basílica de São Pedro entre o Papa Inocêncio III e São Francisco de Assis.

O crescimento da repressão às heresias acompanhou a ambição do poder temporal e a centralização e unificação dogmática do Cristianismo. Essas três características que compõem a repatriarcalização progressiva do Mito, atingem um ápice no papado de Inocêncio III. O sermão que escolheu para a sua sagração “Eu vos estabeleci acima das nações e dos reinos” (Jer 1:10) expressou sua ambição de dominar não só os céus mas também as “nações e os reinos”. E ele conseguiu. Nada mais patriarcal do que esta ideologia. Foi durante o seu papado (1198-1216) que se estabeleceu definitivamente a pena de morte contra os hereges. Sua dedicação militar às cruzadas determinou a cruzada que massacrou os Albigenses no sul da França em 1209. As execuções em massa desta cruzada superaram todas as medidas repressivas anteriores e estabeleceram a Inquisição oficialmente como a instituição cultural do terror em nome da fé.

A tensão interna crescente na Igreja e, por conseguinte, no Self Cultural europeu é ilustrada pelo fato de, no mesmo ano de 1209 em que foram massacrados os Albigenses, Inocêncio III ter reconhecido oficialmente, na Basílica de São Pedro, a São Francisco de Assis e seus onze companheiros andrajosos, como seguidores de Cristo. De um lado, a unificação ideológica, ambição do poder político, a intolerância da contestação, baseados

na coação moral e física, apoiadas na excomunhão, no confisco de bens, na guerra de conquista, na tortura, na prisão perpétua e na pena de morte em nome de Cristo. Do outro, o despojamento total e a entrega social, física e espiritual pelo amor a Cristo. Que símbolo, com esta importância histórica aguentaria sofrer tensões tão opostas durante sua elaboração, sem produzir graves dissociações psíquicas individuais e coletivas?

A elaboração dos símbolos no Self Individual e Cultural é coordenada por arquétipos e vai aos poucos formando a identidade do Eu e do Outro na consciência. A elaboração simbólica é a atividade central da psique. Em qualquer momento, a psique individual e coletiva apresentam um incontável número de símbolos em graus variáveis de elaboração. Este processo tem duração variável dependendo da sua carga arquetípica. Os arquétipos, como padrões de funcionamento, nunca se esgotam, mas sua ativação para a elaboração de determinados símbolos tem uma duração proporcional à importância do símbolo e às dificuldades de sua elaboração. Assim, a elaboração de um símbolo pode durar momentos, dias, anos ou milênios como é o caso do símbolo de Cristo e do seu processo de institucionalização.

Quando a elaboração de um determinado símbolo não recebe todo o engajamento que necessita da consciência, estes símbolos são atuados parcialmente inconscientes. Esta atuação inconsciente de partes simbólicas foi denominada de Sombra, por Jung. A sombra normalmente expressa símbolos ou partes simbólicas de difícil aceitação moral ou que dão muito trabalho ou que ainda não tivemos tempo de atender. Por isso, a atuação dos símbolos da Sombra é inadequada e sempre nos cria problemas. Ao mesmo tempo, seu confronto é necessário porque seu conteúdo é imprescindível para a continuação do desenvolvimento psicológico individual e coletivo.

Há partes da Sombra, no entanto, que são de acesso muito difícil para a consciência, pelo fato de conterem defesas à sua volta. Como descreveu Freud, as defesas impedem o acesso dos símbolos à consciência e geram resistências à sua aproximação. As defesas dissociam a psique e são a condição básica para a formação da doença mental. Assim, denominei a parte da Sombra cercada por defesas de Sombra patológica. A Sombra patológica dos símbolos de Cristo e da Igreja formaram progressivamente os símbolos do Demônio e de suas bruxas. A principal tese deste prefácio é que a formação progressiva da Sombra patológica dos símbolos de Cristo e da Igreja alimentaram o crescimento cada vez maior dos símbolos do Demônio e das bruxas patologizando progressivamente a implantação do Mito Cristão e o funcionamento do Self Cultural.

As dificuldades para a integração dos Arquétipos da Alteridade são muito grandes, sobretudo na vigência de uma dominância patriarcal tão extensa como foi aquela encontrada pelo Cristianismo nas tradições Judaicas e nas instituições do Império Romano. Independentemente disso, porém, o padrão de alteridade é muito mais difícil do Eu operar que o padrão patriarcal e matriarcal devido à necessidade de despojamento. O apego à sensualidade matriarcal do prazer imediato e o apego ao poder patriarcal tolhem o desprendimento do Eu necessário para sua interação igualitária com o Outro à cada nova situação existencial. A criatividade necessária ao Eu para o desempenho da alteridade exige liberdade e abertura para o novo, para se confrontar o mistério do mundo e da vida, incompatíveis com o apego matriarcal e patriarcal que tendem à generalizar e à estereotipar a conduta. O padrão de alteridade elabora os símbolos com uma profundidade muito maior que os padrões matriarcal e patriarcal e, por isso, seu dispêndio de energia é muito mais intenso e sua formação de Sombra muito menor. A abertura para o relacionamento democrático no padrão de alteridade estabelece um padrão quaternário de relacionamento do Eu com o Outro. Neste, o Eu se torna capaz de “virar a outra face”, isto é de confrontar sua própria Sombra tanto quanto o Outro. Assim, na ciência se confronta o erro, na democracia a Sombra social e no amor conjugal a Sombra individual.

Enquanto a repatriarcalização progressiva do Mito reprimia a alteridade, grande quantidade de energia psíquica passava da consciência para a Sombra coletiva, junto com inúmeras características do símbolo de Cristo e da Igreja. O padrão patriarcal, por ser muito menos diferenciado que o padrão de alteridade, não confronta diretamente sua Sombra e a projeta à sua volta, como vemos no fenômeno do bode expiatório. Este animal não foi escolhido à toa para a projeção, mas devido às suas características simbólicas de grande fecundidade, ideal para representar o princípio de prazer e fertilidade matriarcal, alvo predileto da codificação patriarcal. Não era por acaso que o grande Deus Pan, e seus sátiros, símbolos da fertilidade da grande mãe natureza, eram na Grécia freqüentemente representados em forma de bode como também em inúmeras culturas pagãs européias. A polarização em que opera o dinamismo patriarcal exigiu um contrapolo para elaborar o símbolo de Cristo. Surgiu assim o fenômeno do Demônio como Anti-Cristo.

Parece-me um grave erro confundir Satã do Velho Testamento com o Demônio do Cristianismo. Seja como anjo rebelde, seja como emissário de Deus para tentar Jó, Satã é uma figura bem delimitada face à divindade. Se o Cristianismo houvesse se repatriarcalizado abertamente e Cristo fosse adorado como um deus guerreiro, como quis

Constantino, os Arquétipos da Alteridade teriam sido substituídos pelo Arquétipo do Pai e não teria se formado a patologia que se formou.

A imagem do Diabo e das bruxas foi se transformando na Idade Média e crescendo em poder, como em vasos comunicantes, paralelamente ao fato de características pujantes do símbolo de Cristo e da Igreja serem mal elaboradas e passarem a fazer parte da Sombra cultural. O Demônio não é meramente Satã porque não é apenas um opositor de Cristo, um simples Anti-Cristo. O Demônio e as bruxas são a Sombra patológica oriunda das distorções da mensagem de Cristo, na medida em que suas características mal elaboradas e dissociadas foram sendo reprimidas, distorcidas e cercadas por defesas. O símbolo do Diabo e da bruxa, como qualquer símbolo, apesar de arquetípicos, são únicos em cada cultura e, no Cristianismo, não podem ser compreendidos independentemente das características deformadas dos símbolos de Cristo e da Igreja. É isto o que nos explica como a Inquisição foi aos poucos atribuindo ao Demônio poderes cada vez maiores, a ponto de denominá-lo Lúcifer, aquele que faz a luz. Não era esta a principal função do Messias como portador de um novo padrão de consciência? Mas, na medida em que o Renascimento dava à luz o padrão de alteridade como raiz das ciências e das transformações sociopolíticas modernas, não eram seus expoentes perseguidos e sua criatividade cerceada pela Inquisição? Se a luz do novo humanismo era excluída de Cristo por sua própria Igreja, a quem seria ela atribuída? O *Malleus* engrandece tanto o Demônio e as bruxas que declara textualmente ter sido ele criado especialmente por Deus para exercer o pecado através delas.

Desta maneira, compreendemos que a característica central atribuída ao Demônio era inicialmente a desobediência ao poder centralizador, na razão direta em que a pluralidade democrática da alteridade era patriarcalmente negada. Esta característica foi aos poucos mudando e passando para a sexualidade e para o conhecimento, na medida em que o poder revolucionário cultural do herói messiânico foi sendo castrado, cerceado, em consequência, o seu poder criativo de elaboração simbólica da realidade.

A castração simbólica do Messias e a repressão da Igreja vão ocorrer de várias maneiras: na sua adoração exclusivamente como menino no colo de sua mãe ou como morto no além à espera do Juízo Final, na negação da importância e do significado da figura de Maria Madalena, inclusive na sub-avaliação da sua iniciação como apóstola, a única com capacidade espiritual para reconhecer imediatamente a Ressurreição; na redução incestuosa do feminino no Mito à função maternal; na negação da importância central do corpo no qual se expressa a Paixão; na codificação progressiva da confissão e do pecado como penitências patriarcais estereotipadas, o que contribuiu muito para

asfixiar o conhecimento da psique e da vida pela introspecção e pela meditação; na hierarquização patriarcal da Igreja, nos votos patriarcais de pobreza, obediência e castidade para seus sacerdotes, na inferiorização patriarcal da mulher na vida institucional da Igreja, principalmente, na sua impossibilidade de ministrar os sacramentos e ocupar cargos em igualdade de condições com os homens, na paralisia da transformação sociopolítica por concessões elitistas para assegurar a obtenção e manutenção do poder exercido dentro do dinamismo patriarcal e não no dinamismo de alteridade como propunha o Mito. Não se trata de criticar ou invalidar características centrais no Mito como a mãe virgem, a infância milagrosa, a morte sacrificial e a ressurreição que são inerentes ao Mito do Herói. Trata-se de demonstrar que o poder transformador do herói foi cerceado pela exaltação idealizada, defensiva, de certas partes do Mito em detrimento de outras, como freqüentemente acontece na formação da Sombra dos quadros neuróticos e psicóticos na psique tanto individual quanto coletiva.

Toda esta energia criativa retirada do símbolo de Cristo e da Igreja foi transferida para o símbolo do Demônio e das bruxas, cada vez mais atacados em nome do próprio Cristo e da Igreja. Configurou-se, assim, um quadro dissociativo grave e crescente em função da própria pujança do Mito. Deformado e cerceado, por um lado, o Mito formou a Inquisição e sua Demonologia. Por outro, foi conseguindo criativamente integrar o padrão de alteridade na consciência individual e coletiva, caminhando para o Renascimento e através deste para o humanismo científico e sócio-democrático moderno.

A mulher como símbolo do mal...

Ainda que a bula papal, que investiu Sprenger e Kramer como inquisidores contra a bruxaria, mencione bruxos e bruxas, o *Malleus* é dirigido principalmente às bruxas. Seu texto é alimentado pelo ódio à mulher, pela misoginia, em função da qual são atribuídas à ela características desabonadoras, amalhadas enciclopedicamente e interpretadas com conotações machistas, as mais pejorativas, na primeira parte do livro, para justificar as práticas terríveis prescritas na terceira parte:

“A razão natural para isto é que ela é mais carnal que o homem, como fica claro pelas inúmeras abominações carnis que pratica. Deve-se notar que houve um defeito na fabricação da primeira mulher, pois ela foi formada por uma costela de peito de homem, que é torta. Devido a esse defeito, ela é um animal imperfeito que engana sempre”. (*Malleus*, parte I questão 6).

Este ódio à mulher misturou-se na Inquisição e no *Malleus* à atração mórbida por ela devido à sexualidade culturalmente reprimida e à sua desvalorização na Igreja. Isso fez com que a tortura para se obter confissões de bruxarias incluísse procedimentos

tarados, ou seja, sexualmente perversos, que incluíam o voyeurismo e o sadismo. As mulheres eram despidas e seus cabelos e pelos raspados à procura de objetos enfeitados escondidos em suas partes íntimas “que não devem ser mencionadas”. (Malleus III,15). As torturas praticadas são difíceis de imaginar, mas o texto dá idéia delas terem sido terríveis, sobretudo porque o processo recomendado pelo Malleus é um delírio francamente paranóide orientado para se obter confissões e não para se verificar a culpabilidade.

“Se, ao ser devidamente torturada, ela se recusa a confessar a verdade, o próximo passo do Juiz deve ser o de mandar trazer outros instrumentos de tortura diante dela e dizer-lhe que ela será submetida a eles caso não confesse. Se então, ela não for induzida a confessar pelo terror, a tortura deve ser continuada no segundo e no terceiro dia. Ela não deve ser realizada, a menos que haja indicações novas do seu provável sucesso”. (Malleus, III,14).

A dissociação patológica da mente dos redatores do Malleus fica evidente na mistura de um sentido humanitário de justiça e proteção das vítimas com outro de extraordinária falsidade, covardia e crueldade, da mesma forma com que as aberrações sexuais eram cometidas em meio a uma acentuada hipocrisia puritana: o texto recomenda expressamente a depilação e a busca de objetos nas partes íntimas do corpo e faz questão de demonstrar grande pureza e inocência ao afirmar que o nome dos órgãos sexuais não deve ser mencionado (Malleus III, 15).

Da mesma forma que a psicose paranóide reforça o poder das forças perseguidoras na proporção em que a doença mental progride, a Inquisição foi incrementando e codificando os poderes do Diabo e das bruxas, a ponto deles poderem ser responsabilizados por uma capacidade de exercer qualquer malefício humano e sobre-humano inclusive com a produção de tempestades.

Esse poder crescente atribuído ao Demônio era acompanhado do reconhecimento cada vez maior de casos de bruxaria, configurando um ataque crescente à mulher como sua consorte. É significativo, para compreendermos nossa tese, associarmos estes fatos ao culto crescente da Mariologia, culto da Virgem Maria na Idade Média, que acompanhou a representação crescente do Messias como menino ou como morto, expresso nas Pietás. O culto da função materna idealizada foi acompanhado da repressão do papel da feminilidade adulta no Mito, assinalada pela supressão do significado do símbolo de Maria Madalena na Paixão. A idealização de Maria como super-mãe que não deixa seu filho crescer foi projetada no poder filicida crescente das bruxas. Esta repressão da potência do Messias e de sua alma foi canalizada no ódio à mulher,

transformada em bruxa e companheira do Diabo, que o Malleus frisa repetidamente ser impotente sem ela. Paralelamente, as freiras como esposas de Cristo eram excluídas do poder institucional e sacramental. O aumento da importância do Demônio e suas amantes bruxas fabricado pela Inquisição acompanha, então, a diminuição do poder transformador do Messias e de suas sacerdotisas freiras. Esta dissociação tem como denominador comum a repressão do dinamismo matriarcal e de alteridade, cujo aspecto feminino era depositado na mulher e que fundamentava, ao mesmo tempo, a idealização defensiva da função materna e a repressão institucional das freiras, a repressão cultural da mulher e o ódio às bruxas. Ou seja, a mulher mãe era supervalorizada na Igreja às expensas do valor da mulher pessoa. A bruxa passava então a carregar a projeção da Sombra da mãe terrível filicida e da mulher adulta reprimida, cuja sexualidade adquiria, por isso, poderes de sedução fantásticos.

A repressão da pujança do Messias acompanhada do crescente poder sexual atribuído ao Demônio ocorre junto com a repressão do dinamismo matriarcal na cultura. É isto que explica como o poder de sedução foi unido intimamente às práticas extra-sensoriais divinatórias e mágicas atribuídas à bruxaria. É preciso lembrar que o íncubo, forma masculina do súcubo, é o equivalente em Latim do Deus Pan, a maior expressão masculina matriarcal da Mitologia Grega. A importância dada pela Inquisição aos íncubos e súcubos, que controlados pelas bruxas exerciam a sexualidade do Demônio, foi acompanhada do poder de fazer desaparecer o pênis, acusação freqüente nos processos. Paralelamente ao crescimento da sexualidade do Demônio e de suas bruxas, vemos diminuir o poder de Cristo, suas esposas freiras e, agora também, dos seus seguidores homens.

Para se ter uma idéia do grotesco paranóide a que chegou o Malleus, é ilustrativo o fato do poder atribuído às acusadas e da culpa persecutória dos juizes ser de tal ordem, que elas deveriam ser apanhadas em redes para que seus pés não tocassem o chão para provocar relâmpagos; deveriam também entrar na sala de acusação, de costas, pois seu mero olhar seria capaz de controlar o raciocínio dos juizes e determinar sua liberdade (Malleus III, 15). Caso elas pedissem a prova de caminhar sobre brasas ou entrar em água fervendo, seu pedido deveria ser terminantemente negado, pois, em função da sua ligação com o Demônio, tal façanha lhes seria fácil e iludiria os acusadores (Malleus III,17). O poder do dinamismo matriarcal reprimido projetado psicoticamente nas bruxas, tornava-as deusas com poderes equivalentes à mãe terra com todas as suas forças naturais. A desonestidade do processo legal está ilustrada de forma contundente no fato dos acusados não poderem escolher seus próprios advogados e de seus detratores não

precisarem ser pessoas de bem e de serem aconselhados a não revelarem seus nomes, figurando como informantes e não como testemunhas. Tudo isto novamente racionalizado e justificado pelo poder do Demônio. A falsidade dos inquisidores como juizes atingia graus extremos, quando eles enganavam os acusados em meio às torturas, prometendo-lhes a liberdade caso confessassem, sabendo que sua confissão lhes levaria à prisão perpétua ou à morte. (Malleus III,16).

A tese segundo a qual a Inquisição e a Demonologia expressaram a Sombra patológica do Cristianismo pela elaboração insuficiente e deformada dos símbolos de Cristo e da Igreja no Self Cultural é intensamente reforçada pela Missa Negra no Sabá.

A Missa Negra, celebrada na noite de sexta-feira, era uma réplica sombria da Santa Missa. Nela, o Diabo seria explicitamente adorado como Cristo. Por um lado, podemos ver aqui uma forma de agressão marginal desrespeitosa aos poderes constituídos, uma reação delinqüencial a uma sociedade repressora. Por outro, vemos a necessidade religiosa de cultivar de forma sombria, até mesmo psicótica, mas nem por isso destituída de significado simbólico, uma divindade cujos poderes extraordinários incluíam exuberantemente o dinamismo matriarcal do prazer, da música, da dança e da sexualidade, todos estes, atributos dos deuses da natureza. Durante o Sabá, o Demônio, de acordo com a imaginação do Inquisidor reunia suas bruxas vindas voando de locais distantes. Ele era cultuado sob a forma de um bode, sendo beijado no traseiro em meio a cantos e danças frenéticas com grande permissividade sexual, inclusive da homossexualidade acompanhada da antropofagia de crianças mortas (?), enquanto bruxas ministrariam a comunhão com hóstias roubadas. É importante assinalar que todas essas fantasias foram, em formas adequadas incorporadas às reivindicações das minorias e dos costumes sociais e conquistas científicas no século vinte, dentre as quais assinalam-se a legalização da homossexualidade e do aborto e a era da aviação.

O Malleus, a alquimia e a histeria...

A demonologia era um fenômeno da Sombra patológica do Self Cultural patrocinado pela Inquisição, mas que, de forma alguma a ela se restringia. Vivenciando a energia fecunda que emanava da dissociação do símbolo de Cristo e da Igreja, os símbolos do Demônio e de suas bruxas a todos preocupava, fascinava e atraía de forma crescente. É importante perceber que as heresias, ou variantes culturais reprimidas pelo Santo Ofício para a elaboração do símbolo de Cristo, eram permitidas na elaboração do símbolo do Diabo e das bruxas. Desta forma, desde os inquisidores mais ferrenhos até

suas vítimas e o folclore do povo em geral, todos participavam no grande caldeirão herético do Demônio e suas bruxas, no vaso dos alquimistas onde, sob pressão crescente, cozinhou a Sombra patológica do humanismo cristão dando nascimento às grandes conquistas sociais e científicas.

Neste caldeirão, ferveram dentro dos símbolos do Demônio e das bruxas, além de todas as heresias, passagens do Velho Testamento referentes a Satã, lendas de outras culturas e principalmente das culturas próprias de cada região antecedentes ao Cristianismo e por ele reprimidas, superstições, conhecimentos novos trazidos pelos alquimistas e pensadores, crenças esotéricas as mais variadas fabricadas pelo dia a dia da fértil imaginação popular, espicaçada pela ameaça de perseguição dos inquisidores e pela curiosidade do material reprimido. Tudo isto exaltava grandes áreas reprimidas da psique coletiva, como a agressividade, a sexualidade, a magia e a criatividade em geral. A popularização e atuação crescente dos símbolos do Demônio e das bruxas, devido à esta criatividade proibida, justificava e incrementava a atividade repressora da Inquisição num sistema de retroalimentação (feed-back) múltiplo que agravava cada vez mais a patologia do Self Cultural, passando seu dinamismo de neurótico (principalmente repressivo) a psicopático (corrupção moral da prática religiosa) e a psicótico (paranóide e delirante) até culminar numa primeira etapa na dissociação da Igreja na Reforma no século dezesseis, e , dois séculos depois, na grande dissociação subjetivo-objetivo, no final do século dezoito, que deu origem ao materialismo científico do século dezenove e retirou da Igreja sua liderança civilizatória. O Mito, contudo, não perdeu sua pujança, pelo contrário. Mesmo dentro de uma ideologia socialista patriarcalizada pela teoria da luta de classes que se acreditava ateísta, ele continuou a função civilizatória de implantação de alteridade através dos seus símbolos profundos de liberdade, igualdade e fraternidade.

A repressão da mulher e o ataque à ela como bruxa, devido à projeção nela dos arquétipos reprimidos da Grande Mãe e da Anima, necessitam ser compreendidas junto com a histeria que é um quadro patológico formado basicamente pela disfunção dos arquétipos matriarcal e de alteridade. As características destes arquétipos de intimidade, fertilidade, sensualidade e exuberância do desejo, da imaginação, da clarividência esotérica e da expressividade emocional, quando feridas, dão margem ao entrincheiramento destes arquétipos numa luta de poder expressa pela magia destrutiva, pela dramatização e sugestibilidade descontroladas, pela fantasia mentirosa, pela agressividade vingativa desproporcional, pelo congelamento das reações afetivas, pelas reações emocionais através dos sintomas físicos e pela falsidade involuntária. Na dominância patriarcal, as funções matriarcais são pejorativamente projetadas nas

mulheres na tríade cozinha-casa-igreja. O fermento cultural destes arquétipos pela Inquisição e sua projeção maciça no Pan-Demônio propiciou, pela sugestionabilidade histórica, a atuação de inúmeras mulheres como suas consortes. A atmosfera persecutória, dramática e animista medieval favoreceu a eclosão de quadros históricos que eram identificados como bruxaria pelos vizinhos ou até mesmo familiares, como relata o *Malleus* em inúmeros exemplos. O dinamismo patriarcal patológico expresso pelo sadismo dos inquisidores torturadores, sexualmente reprimidos, que depilavam e vasculhavam seus corpos, enfiando-lhes agulhas para procurar zonas anestesiadas que indicariam o pacto com o Demônio, certamente exacerbou muitos quadros históricos, pervertendo-os em relações sado-masoquistas psicóticas (Piccini, 1987).

No entanto, o símbolo máximo da Sombra patológica como expressão da dissociação psicótica do Self Cultural do Ocidente durante sua cristianização, foi a matança dos hereges na fogueira e na forca. O delírio psicótico-paranóide, apesar de gravemente enfermo, ainda protege o Ego porque projeta no Outro as tendências ameaçadoras do Self. Quando, porém, o próprio delírio projetado é também exercido francamente pelo Ego, a gravidade da patologia se torna extrema, pois é o sinal de que a defesa paranóide está fracassando e os conteúdos projetados estão dominando o Ego. Foi o que aconteceu com a Inquisição.

A história simbólica da Inquisição torna inegável sua própria expressão inconsciente do Anti-Cristo e da bruxaria. A concupiscência do poder unificador, a intolerância, a repressão dos arquétipos matriarcal e de alteridade, a corrupção psicopática moral e ideológica dos arquétipos do pai e da alteridade, que deformou em tantos aspectos a mensagem cristã, representam a atuação da Sombra patológica. A patologia cultural foi se agravando século a século, manifesta na projeção dos aspectos negados e reprimidos de Cristo sobre o Demônio e suas bruxas e racionalizada pela devoção a Cristo e à Igreja. Tudo era feito em nome de Cristo e de sua Igreja, cujos símbolos apesar de enfraquecidos, eram inicialmente mantidos na luz. Todos os males eram projetados no Demônio e nas bruxas, cujos símbolos, apesar de cada vez mais fortalecidos, eram inicialmente mantidos nas trevas, como habitantes infernais. A partir do século treze, porém, Inocêncio III, o mesmo papa que abençoa São Francisco, autoriza a pena de morte para as heresias. O Demônio passa a se chamar Lúcifer, aquele que traz a luz, e Cristo (o cordeiro que se sacrificara pelos pecados do mundo, as serem confessados e absolvidos em sua Igreja) passa a ser invocado para empunhar a espada do genocídio dos Albigenses e instituir a prevenção e a limpeza cultural da peste da heresia. Os que confessavam e abjuravam a heresia eram acolhidos de volta à Igreja e

condenados à prisão perpétua. Os que não confessavam eram entregues ao braço secular para a pena de morte. Devido às condições subumanas das prisões, a prisão perpétua em pouco tempo levava à morte, se é que não fosse antes interrompida pela pena capital: “Nos casos de heresia simples, aqueles que são penitentes (confessaram) e abjuraram, como já foi dito, são admitidos à penitência e à prisão perpétua; todavia, nesta heresia ainda que o juiz eclesiástico possa receber o prisioneiro em penitência, o poder civil pode, devido aos malefícios causados a pessoas, ao gado e outros bens, puni-la com a morte...” (Malleus III,19).

Ao aproximarem psicoticamente Cristo e sua Igreja do Demônio e das bruxas, os Inquisidores, freqüentemente, tornaram inseparáveis uns e outros nas suas personalidades e na história da Igreja. A loucura se exacerbava ainda mais, se é que isso era possível, em situações nas quais os hereges demoravam a morrer e a cerimônia era interrompida para procurar objetos deixados pelo Demônio em suas vestes para torná-los resistentes ao fogo. A superposição dos símbolos do Cristo e do Demônio era tal que, mesmo dentro das chamas, eles continuavam lutando como expressão da psicose coletiva.

“O que poderia ser dito sobre um caso que ocorreu na Diocese de Ratisbon? Alguns hereges foram condenados por sua própria confissão, não somente como impenitentes, mas, também, como advogados desta perfídia; e quando foram condenados à morte, aconteceu que eles resistiram ao fogo. Sua sentença foi então alterada para morte por afogamento, que também não surtiu efeito. Todos ficaram surpresos a alguns começaram até a dizer que a sua heresia era verdadeira; e o bispo em grande ansiedade por seu rebanho, ordenou um jejum de três dias. Quando isto foi devotamente cumprido, alguém foi informado que estes hereges tinham um encanto mágico costurado sob a pele em baixo do braço; quando este foi encontrado e removido eles foram entregues às chamas e imediatamente queimaram”. (Malleus III, 15).

A importância da tradução e publicação completa deste texto em português não está só no conhecimento da história do Cristianismo, mas também na continuação da elaboração do Mito Cristão, cujo papel civilizatório está se reintensificando outra vez neste final de milênio.

Se muitos leitores concordarão que este livro e a Inquisição são uma aberração da mensagem cristã, é preciso saberem que nem todos pensam assim. O próprio tradutor do livro do Latim para o Inglês, o Reverendo Montague Sommers, assim se expressa sobre ele no final do prefácio que escreveu em 1946:

“O certo é que o Malleus Maleficarum é o mais sólido e o mais importante trabalho em toda a vasta biblioteca escrita sobre bruxaria. Voltamos a ele sempre com edificação e interesse. Do ponto de vista da psicologia, da jurisprudência e da história, ele é supremo. Podemos mesmo dizer sem exagerar, que os escritores que o sucederam, grandes como possam ser, fizeram pouco mais do que retirar destes poços de sabedoria, aparentemente inexauríveis, que os dois dominicanos Henrique Kramer e James Sprenger nos deram no Malleus Maleficarum”.

“O que mais surpreende é a modernidade do livro. Praticamente não existe um problema, um complexo, uma dificuldade que eles não previram, discutiram e resolveram”.

“Aqui estão casos que ocorrem nas cortes de hoje, apresentados com maior clareza, argüidos com lógica exemplar e julgados com imparcialidade escrupulosa. O Malleus Maleficarum é um livro escrito sob a influência da eternidade”.

Com esta ilustração final, vemos que a elaboração deste livro e da Inquisição e do que representam na alma humana individual e coletiva adentrará o próximo milênio junto com a continuação da elaboração do Mito Cristão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Byington, Carlos Amadeu Botelho (1981) "Uma Teoria Simbólica da História". Ed. Revista de Cultura Vozes, nº 8, ano 76, Outubro/82, pgs. 599-610.

_____ (1986) "O Desenvolvimento da Personalidade.

Símbolos e Arquétipos". Ed. Ática, São Paulo, Série Princípios, nº 123, 1987.

_____ (1983) "Uma Teoria Simbólica da História. O Mito Cristão como principal símbolo estruturante do padrão de alteridade na Cultura Ocidental". Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, nº 1, Ed. Vozes, Petrópolis, pgs. 120-177, 1983

Malleus Maleficarum (1484) Tradução Inglesa do Reverendo Montague Sommers. Ed. Hogarth Press, Londres, 1928.

The Nag Hammadi Library (1978) Harper & Row, New York, 1981.

Idem, O Evangelho de Maria.

Idem, O Evangelho de Tomás.

Nova História da Igreja. Tomo I "Dos Primórdios a São Gregório Magno", Ed. Vozes, Petrópolis, 1973.

Piccini, Amina Maggi (1987) "Visão Psicanalítica do Imaginário dos Inquisidores e das Bruxas". Rev. Bras. Psican. 21:367, 1987.